

Performances “fabricadas” em Helvécia: rito de permanência, práticas ancestrais e pedagogias de sustentação

Valdir Nunes dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB – professor assistente

Gt: estudos da performance

Professor associado - Mestre em Teatro – UNIRIO

Resumo: O estudo ocupa-se em saber quais Pedagogias dão corpo e sustentação ao caráter de permanência inerente às performances “fabricadas” em Helvécia. Para isso, indaga-se sobre a situação de dominação cultural e econômica imposta aos negros trabalhadores desde o início do processo de formação da Colônia Leopoldina e historicamente continuada pelos projetos monoculturais. Como âncora teórica, o estudo elege o conceito de cultura defendido por GEERTZ, a relação opressor X oprimido em FREIRE; a idéia de duplicidade do movimento SCHECHNER; a forma-força na movência da oralidade ZUMTHOR; e para além do eucalipto em KOOPMANS, uma reflexão sobre o deserto verde; nesse ínterim, dialoga-se com as cenas espetaculares em PRADIER, uma tentativa teórica da etnocologia.

Palavras-chave: Performances culturais em Helvécia. Pedagogias de sustentação.

Permanência e tradição.

As discussões e pesquisas ao entorno das questões que se referem às culturas do popular, às performances culturais e às cenas espetaculares produzidas, geralmente, por remanescentes dos trabalhadores escravos no interior de sítios e comunidades históricas, tem sido colocadas à deriva dos interesses que alavancam o mercado e a sociedade em meio aos ditames do capital. Essa situação pode-se dizer, é resultado de atitudes e posturas de negação e de antagonismos construídos ao longo dos tempos sobre as temáticas e questões relacionadas às performances de tradição e aos seus produtores. Em função disso, sentimentos de receios e medos foram fortemente construídos e disseminados. As consequências destas questões acirram o desconhecimento acerca das culturas populares e seus significados. Essas práticas, em especial as produzidas em Helvécia, ocorrem como cenas, festas e performances de tradição em direção ao caráter fronteiriço, pois de modo espontâneo e insistente, estabelecem encontros com os elementos inerentes ao presente e à movência ocorrentes na oralidade – lugar e origem do conteúdo de suas práticas.

No entanto, observa-se um posicionamento da sociedade por temas produzidos a partir de interesses ideológicos, geralmente ancorados pelos princípios do mercado sob a égide do niilismo. Esses se opõem aos temas e aspectos relacionados à ideia de tradição.

Para Carvalho,

Há muito de temor, até de descrença, em relação à idéia mesma de tradição e seria preciso revitalizar muitos dos modelos conhecidos de análise do problema dos níveis de cultura – como a teoria das ideologias, a teoria marxista de classes, a abordagem gramsciana, a frankfurtiana – os quais se encontram também, no momento presente, bastante distanciados dessa discussão (CARVALHO, 2000, p. 19).

A compreensão apontada por esse autor faz-nos pensar sobre uma questão, considerada por muitos, crucial no momento presente, a falta de clareza, aparentemente estabelecida ao entorno da diversidade de temas, comportamentos e práticas de culturas que são, propositadamente, deixados à deriva do jogo da civilização. O que demonstra a despreocupação com os significados que os temas resultantes dessas culturas têm para os

seus produtores, apesar de fora de lugar no tempo e na centralidade do que é considerado por questões essenciais da modernidade e entrada na cultura pós-moderna.

Nesse contexto estão os moradores de Helvécia – sujeitos remanescentes quilombolas - produzindo culturas a partir de suas relações sociais, da sua intimidade com a compreensão de sobrevivência que se restringe ao propósito de adaptação permanente, no diálogo com seus ancestrais e com a rotina imposta pelo mundo imediato, contemporâneo, ou como diz Homi Bhabha, (1998, p. 27) “um encontro com o ‘novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente [...] uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural”. Nesse sentido, essas oposições historicamente estabelecidas, são insistentemente fabricadas as culturas do popular – rezas, ofícios, performances culturais, brinquedos e folguedos. Produtos culturais que são em sua instância o resultado de uma luta íntima de cadafolião/dançante/rezador para assegurar o direito de reconstruir as identidades, o conjunto, mesmo que incompleto, da memória coletiva.

Neste estudo ocupou-se, primordialmente, das suspeitas acerca da permanência das performances de tradição e sua travessia por entre os diferentes tempos culturais, bem como em indagar sobre a situação de dominação cultural e econômica imposta aos negros trabalhadores pelos colonos europeus no início do processo de formação da Colônia Leopoldina e, historicamente, pelos projetos monoculturais.

Desse universo de práticas das culturas do popular nascem os temas e conteúdos de permanência ligados à tradição, e mais, especificamente, relacionados à situação da cultura e da história dos povos negros remanescentes de trabalhadores escravos, e que dão sustentação à continuidade do teatro popular e da festa propriamente dita apontados por Boal, (1983). As suas práticas de culturas, seus comportamentos sociais e educativos não são, geralmente, tomados como objeto de estudo, eles são colocados à deriva dos interesses ideológicos assumidos no interior da academia.

Essa negação, propositadamente instituída, quase sempre, qualifica a festa e o teatro popular, como folclore, isso implica numa questão ideológica de não aceitar os comportamentos e performances produzidos por grupos étnicos remanescentes de africanos como de importância para a história, à cultura, à ideia e compreensão de “nação” sincrética positivamente. E ainda de não compreendê-las como produção simbólica de reconstrução do ideário de memória perdida.

Em Helvécia, as danças, rezas, ritos e as performances que os caracterizam como práticas de tradição são “fabricadas” de maneira ininterrupta mesmo na contramão da vontade e interesses de grupos hegemônicos e de estudiosos. O que as tornam permanentes na rotina da comunidade como práticas que fazem parte de processos educativos de crianças e jovens como estratégias de preservação e de reinauguração dessas práticas em efetivo diálogo entre o passado e o presente na perspectiva de um entre lugar.

Essas questões foram levantadas em meio à realização do projeto de extensão com características de ensino e pesquisa, desenvolvido na comunidade de Helvécia por meio da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. No processo, a ideia de intervir não está dissociada da pergunta, da indagação e do ensino. Assim, ao discutir com a comunidade acerca de suas festas, danças e performances frente à situação político econômica da região fez-se necessário indagar: quais pedagogias dão corpo e sustentação às performances culturais produzidas por moradores da comunidade negra de Helvécia e ao caráter de permanência?

O estudo ancora-se na pesquisa social em Goldenberg e como estratégia para a coleta de dados as abordagens de Gatti - a entrevista coletiva e em profundidade. Como pista provocativa para a entrevista coletiva fez-se as seguintes questões: o que assegura o

caráter de continuidade a essas práticas de culturas? O que mantém viva em cada um de vocês, morador de Helvécia, a ideia de continuar fazendo as festas, rezas e ofícios? Que forças asseguram a realização das festas, rezas e brincadeiras ao longo das diferentes gerações?

Sem a certeza de que exista uma âncora de sustentação do fazer e da permanência cultural ali vivenciado, os moradores afirmam que o que os move é a ideia de resistência; é o compromisso com a memória de seus antepassados ou a necessidade de construir um ponto de partida que possa de fato concretizar o processo de adaptação, de estar no Brasil e poder fazer e sentir o que os seus antepassados lhes deixaram como ensinamento. Em outras palavras, eles acreditam estarem atendendo o chamado de um rei, de um deus ao ouvirem o soar do tambor no início de suas danças, de seus ritos e rezas.

O som do tambor ao entoar as práticas de cultura em Helvécia assegura a ideia de que existe uma força de sustentação para a continuidade e permanência de suas performances culturais de tradição com características educativas, formativas e de pertencimento. Nesse sentido, acredita-se numa força que emana de oprimidos, de sujeitos que se pretendem adaptarem-se a uma nova ordem social, a um novo jeito de ser e de existir no mundo. Um jeito de resistir. É possível assegurar que há uma Pedagogia, um campo de força simbólica que ordena a ideia e caráter de transmissão e permanência da herança deixada por seus ancestrais.

A dança bate-barriga realizada em Helvécia desde os tempos do Brasil Colônia – dança feminina de agradecimento a Deus e aos deuses pela maternidade, natividade, fertilidade preserva a ideia de permanência ancestral de suas performances, embora movente na oralidade. Em conversa com uma moradora – sobre o que seria a dança para ela, informou: a dança é ensinar o nosso povo o sentido de ser negro, de ser pobre e proibido de ser. Nessas palavras, a dança é compreendida como um conteúdo educativo, formador no processo de alfabetização cultural, como nos diria Dan Baron (2004).

Nesse processo de ser e fazer a dança bate-barriga como ato e atividade que ensina e forma as gerações para além de serem brasileiros, institui este fazer como um ato pedagógico decorrente de uma Pedagogia que resiste aos tempos, às histórias e aos diferentes projetos econômicos. Uma Pedagogia de resistência às opressões, uma Pedagogia do oprimido para resistir às contradições. Fazem-se, praticam-se atos de culturas a partir de seus pedaços de memória, de seus estilhaços de esperança ainda retidos em seus corpos, em seus medos explicitados na fala de Alice Rita – dançante e trabalhadora em Helvécia – ao comentar sobre a interferência do plantio de eucalipto sobre as práticas culturais na comunidade ela comenta: o eucalipto todo enfileiradim parece um tanto de soldado assim - faz sinal de retidão com o corpo - marchando na direção de nós, dá medo e preocupação.

A compreensão da dançante sobre o plantio de árvores que assombream a comunidade de Helvécia convida a refletir acerca da imposição político/econômica desse projeto que em certa medida demarca, controla e altera os destinos dos moradores, de suas práticas culturais, bem como sua permanência e caráter de tradição.

Diante das questões apontadas, considera-se que os grupos “fabricantes” das festas, rezas, ofícios tem se preocupado em construir sentido/respostas em direção à ideia de pertencimento e de remanescência africano-quilombola e, de reconhecimento histórico e político no intuito de compreender o caráter de permanência inerente às suas performances.

Em últimas palavras, neste estudo, evidencia-se que as práticas culturais e suas performances estão sustentadas por uma força simbólica herdada dos ancestrais e que

asseguram a ideia de produção historicamente instituída, o que nos leva a pensar em uma Pedagogia ou pedagogias que dão forma e corpo à tradição e à permanência.

Referências

BASTIDE, Roger. Estudos Afro-Brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973.

Bhabha, Homi K. O Local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

CARVALHO, José Jorge. "O lugar da cultura tradicional na sociedade moderna." In: O Percevejo. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT, 2000.

BARON, Dan. Alfabetização cultural: a luta íntima por uma nova humanidade. São Paulo: Alfarrábio, 2004.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDEMBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (orgs.). Etnocenologia: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KOOPMANS, Pe. José. Além do eucalipto: o Papel do Extremo Sul. Salvador: BDA, 1997.

SCHECHNER, Richard. Performance theory (second edition). Routledge, 2003.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.